

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**PELO INTERIOR: 40 ANOS DE UFMA EM IMPERATRIZ**

**IMPERATRIZ - MA**

**2024**

João Carlos Alcântara Sousa

**PELO INTERIOR: 40 ANOS DE UFMA EM IMPERATRIZ**

Relatório técnico de Projeto Experimental apresentado como requisito parcial para a aquisição do título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Campus Imperatriz.

Orientador: Professor Dr. Alexandre Maciel

Aprovado em 19 / 09 / 2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Professor Dr. Marcos Fábio Belo Matos  
Universidade Federal do Maranhão

---

Professora Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro  
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Alcântara Sousa, João Carlos.

PELO INTERIOR : 40 ANOS DA UFMA EM IMPERATRIZ / João  
Carlos Alcântara Sousa. - 2024.

32 f.

Orientador(a): Alexandre Zarate Maciel.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade  
Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Ufma. 2. Imperatriz. 3. Interiorização. 4.  
Livro-reportagem. 5. Centro de Ciências de Imperatriz. I.  
Zarate Maciel, Alexandre. II. Título.

É indispensável dedicar este trabalho a todas as pessoas que construíram o Campus de Imperatriz e, também, a todas aquelas que hoje fazem o nosso campus ser o que ele é hoje.

Dedico a cada um que trabalha para que nossa Princesinha do Tocantins continue sendo referência de educação, progresso, união e resiliência.

Deixo nas próximas páginas desse trabalho, a minha gratidão.

Que venha a nova Universidade.

Não chores, meu filho;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.  
**A vida é combate,**  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos  
Só pode exaltar.

*Gonçalves Dias, Canção do Tamoio.*

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	18
RESUMO	8
1. INTRODUÇÃO	9
2. BREVE HISTÓRICO	12
3. METODOLOGIA	14
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
5. ESTRUTURA DO PRODUTO	20
<b>5.1 Público-alvo e custos</b>	22
<b>5.2. Projeto gráfico</b>	23
6. BASTIDORES DA PRODUÇÃO	25
7. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	28
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

## AGRADECIMENTOS

É importante iniciar agradecendo a mim mesmo. Diante de vários desafios e frustrações, tomado muitas vezes por crises de ansiedade, ou consumido pela vontade de desistir, cheguei aqui, com o apoio de muita gente que me deu suporte e me ensinou o melhor caminho. Nisso, não posso deixar de agradecer o bom Deus, que pôs muita gente boa na minha rota.

Agradeço muito a meu parceiro, Rafael Pestana. Da mesma forma que o incentivei a terminar esse curso, foi ele quem me atraiu para uma área com a qual sempre me identifiquei. Gostei bastante, aprimorei as minhas habilidades e ampliei minha paixão pela Comunicação. Sou muito grato ao nosso relacionamento, à nossa parceria e ao nosso amor.

Agradeço ao professor Marcos Fábio Belo Matos, que me acompanhou nessa trajetória e fomentou algo decisivo para mim: uma bolsa de iniciação científica que ajudou muito na minha permanência. Mesmo morando na época em São Luís, no cargo de vice-reitor, sempre estendeu seu carinho e sua assistência nessa caminhada. E, também, ao professor Alexandre Maciel, por sua paciência inabalável e sua alegria contagiante. Ele sempre articulou as melhores soluções e ideias nesse projeto, com a sua didática e sugestões, habilidades indissociáveis de um bom engenheiro do texto. Também agradeço à professora Yara Medeiros, mestre que, com olhar impecável, auxiliou na elaboração do projeto gráfico. Ela aprimorou minhas habilidades nessa área com um método carinhoso, leve e afetuoso. Carrego uma estima imensa por esses mestres do jornalismo.

Agradeço bastante à minha família, que de sua forma, me auxiliou nessa conquista. Nesse ensejo, é importante lembrar de um dos poucos jornalistas existentes que nunca escreveu um texto, capturou uma foto ou entrevistou uma fonte. Um pastor alemão que nunca encerrou seu plantão no meu coração, muito menos nas edições da minha memória. Sinto saudades, Boris Casoy. Nunca pensei que pudesse amar um cão tão divertido e bobalhão, mas ainda o amo, mesmo distante. Sua vida foi uma homenagem a um jornalista e essa é outra para você, um comunicador que sempre é uma boa pauta para mim, seja quente ou fria.

Sou muito grato a Rosana Barros e Hugo Oliveira, que integraram o grupo de pessoas que iniciaram essa pesquisa e continuaram, mesmo com os desafios da crise sanitária. Obrigado pela ajuda, Hugo; e pelas lições de vida e profissão, Rosana.

Obrigado a todas as pessoas que colaboraram para a construção desse legado. A todos os pioneiros, que dedicaram um tempo para compartilhar a sua história, a cada um que auxiliou nesse processo. Esse livro e este relatório são o resultado da união de cada um de

vocês, movidos pelo amor pela UFMA, por Imperatriz e que compartilharam e articularam ideias e soluções para o sucesso desse esforço.

Não posso deixar de agradecer e também acalentar uma profunda estima à professora Thaísa Bueno, de quem, com muito carinho, guardo um dos registros floridos e carinhosos que marcaram bastante minha graduação. Ela me ensinou a ser curioso e inconformado, a tornar-me um bom jornalista e a articular o meu trabalho com a professora Izani Mustafá e minha colega Germana Plácido, no projeto Arbocontrol. Por uma coincidência do destino, eu continuo ligado à Universidade de Brasília (UnB), guardo boas amizades, lembranças e um carinho que cultivei nos corredores do ICC (Instituto Central de Ciências), ainda quando fazia Letras. Meu carinho pela UnB se estende à tipografia principal escolhida nesse produto.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), especialmente a meu curso de Jornalismo do campus de Imperatriz. Ao quadro de docentes e técnicos, a todos que fazem a nossa graduação ser referência no interior do estado. Pela união e estima entre todas dentro da nossa comunidade.

Obrigado a todos e a todas. Sintam-se cortejados com um bom abraço, bem quente e firme.



## RESUMO

O processo de instalação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) é pouco detalhado no histórico institucional, tanto para a sede, quanto para as unidades do interior do estado. O escasso acervo documental da instituição descreve que Imperatriz é a primeira unidade da instituição fora da capital. A cidade, que já ostentava uma notória força econômica, contrastando com os índices sociais, iniciava, nos anos 1980, uma nova fase educacional com a continuidade das atividades universitárias federais, que tinham sido iniciadas por outra instituição, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a partir do projeto Rondon. A proposta do livro-reportagem *Pelo interior: 40 anos de UFMA em Imperatriz*, é relatar a expansão do Campus II a partir da memória de personagens que viveram ou ainda fazem parte do cotidiano da universidade. Essas vozes se somam aos documentos institucionais, artigos jornalísticos, fotografias e pesquisas científicas que detalham a formação da instituição e seus sonhos de autonomia.

**Palavras-chave:** UFMA; Imperatriz; interiorização; livro-reportagem

## 1. INTRODUÇÃO

Contar a história de Imperatriz é um processo que envolve muitas dificuldades. Narrar o crescimento e a consolidação de uma cidade e das instituições que a compõem é o resultado de uma pesquisa que coteja patrimônios, personagens e documentos. Neste caso, um desafio, considerando a ação do tempo, que nos toma testemunhas e apaga a herança material que vem sendo pouco preservada na cidade-sede do sudoeste maranhense. Portanto, desenvolver um produto que discorra sobre a expansão do campus local da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), um dos legados sociais e econômicos do município, é não apenas necessário, mas essencial.

O livro-reportagem *Pelo interior: 40 anos da UFMA de Imperatriz* se propôs a elucidar o contexto no qual o hoje chamado Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) foi implantado na cidade. A primeira unidade representativa da UFMA fora da capital, São Luís, foi implementada para dar um novo direcionamento a uma cidade que, mesmo no início dos anos 1980, estava deixando um estágio mais rural, enfrentava vários desafios urbanos e sociais, além de contar com escassos investimentos. Sendo assim, é possível afirmar que a construção da UFMA Imperatriz faz parte da história local. Foi um dos marcos principais para incentivar aspectos socioeconômicos do município que hoje é reconhecido como o polo educacional da região.

A narrativa sobre o Campus de Imperatriz precisava ser mais detalhada. A começar pelo histórico geral da universidade, tecido pela administração superior em São Luís, com registros documentais minguaados até mesmo a respeito da construção de sua sede. Quando se trata do processo de instalação, expansão e consolidação do Campus II, as informações institucionais resumem-se a registros oficiais, como resoluções e planejamentos que pouco informam sobre a implantação da filial. Disso tudo, nasceu a necessidade de elaborar uma linha do tempo do antigo Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST), principalmente a partir das memórias de quem fez parte de sua história.

Hoje com duas unidades, Professor José Batista de Oliveira e Bom Jesus, o campus de Imperatriz nasceu com o ideal de impulsionar a educação local, precária desde o nível básico, a ponto de chegar a depender de professores sem a formação do ensino médio. A trajetória das mais de quatro décadas, se equivale ao crescimento da cidade, criando a deixa para traçar uma narrativa jornalística transversal, aliando as informações históricas da universidade às do município, que conjugam a primazia do sucesso e os preços do pioneirismo.

A pesquisa que resultou no livro-reportagem nasceu a partir de uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), vinculada a um projeto com o mesmo nome do livro-reportagem, iniciada em 2017 pelo professor do curso de Jornalismo, Marcos Fábio Belo Matos. Em sua primeira fase, os pesquisadores se debruçaram na consulta de jornais impressos e, depois, partiram para a gravação de entrevistas com professores, técnicos e alunos.

Como documento inédito, o livro-reportagem *Pelo Interior: os 40 anos da UFMA em Imperatriz* apresenta as informações orais de profissionais e ex-estudantes que remontam à transição dos projetos pioneiros da UFPR para a instalação da UFMA. O fio condutor da história também é guiado pelos dados disponíveis em relatórios, portarias, resoluções, projetos de lei, fotografias, jornais impressos, livros e pesquisas científicas, tudo trabalhado em uma narrativa jornalística que busca ser coerente e atraente.

Utilizando dos métodos de apuração essenciais do jornalismo, o livro é a costura entre as informações similares, divergentes e pouco conhecidas a respeito da educação superior federal na cidade, além dos eventos correlacionados na instalação e consolidação da UFMA em Imperatriz. A pesquisa documental, que se iniciou no portal oficial da UFMA na internet, se estendeu aos repositórios da UFPR, Arquivo Nacional e ao Acervo Digital do Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Mídia e Memória do curso de Jornalismo, o Joimp.

O conjunto de pesquisadores vêm atuando para resolver um dos desafios mais complexos na pesquisa e conservação da memória de instituições e personalidades emblemáticas de Imperatriz. Nesse sentido, a UFMA, com a instalação do curso de Comunicação Social<sup>1</sup>, hoje Jornalismo, tem contribuído para a solução desse problema, considerando que muitos acervos são particulares, de acesso restrito ou estão sendo prejudicados pela ação do tempo.

A pandemia da Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, prejudicou a pesquisa documental. Locais de preservação de materiais impressos, como a Academia Imperatrizense de Letras e a Biblioteca Municipal, fecharam suas portas para os pesquisadores. Com o isolamento social, o levantamento de dados teve de ser interrompido por medidas de segurança, uma vez que o armazenamento desse patrimônio documental ainda não está disponível de forma digital.

---

<sup>1</sup> O Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFMA Imperatriz, desde que se instalou na cidade, em 2006, vem dando uma grande contribuição à construção da história e da memória tanto local quanto regional. Iniciativas como a produção, no formato de TCCs, de livros-reportagem com abordagem histórica e ainda a atuação do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp), com o levantamento histórico das publicações e a digitalização de jornais locais mostram o destaque que o curso, em suas pesquisas, dá ao tema da história e da memória da mídia e da cidade.

Como repórter, me deparei com lacunas que nem mesmo hoje o Campus do Bacanga, sede da universidade, sabe explicar, por falta de documentos e pesquisas que complementariam inclusive a própria história da UFMA em São Luís. Informações sobre os primeiros cursos e a justificativas que embasaram a administração superior a implantar o campus de Imperatriz, são questões que justificaram a procura de fontes orais, testemunhas dos fatos, além das fontes documentais jornalísticas.

Mesmo assim, o processo de investigação foi revelando de forma gradativa informações interessantes para o desenvolvimento da linha memorial do campus. Tudo isso, transpirado num único produto, que, como protótipo pioneiro, se propõe ao objetivo de formar um patrimônio histórico institucional para o Campus de Imperatriz da UFMA, além de sugerir uma precedência a produtos derivados com o mesmo intuito.

Neste relatório apresento uma revisão teórica dos autores que tratam do universo do livro-reportagem (Lima, Belo, Catalão), associando seus princípios ao relato dos bastidores da produção do livro-reportagem. Explico como obtive as entrevistas e a maneira que lidei com as fontes documentais, buscando elaborar capítulos que transportassem o leitor para o clima de cada década. Também detalho as decisões editoriais do produto, como a distribuição em capítulos e as lógicas da diagramação.

## 2. BREVE HISTÓRICO

As atividades da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em Imperatriz iniciaram em conjunto com os trabalhos do Projeto Rondon, operado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), nas dependências da atual Unidade Centro, mas não da forma e extensão que se configura hoje. A união das duas instituições ocorria mediante convênio tripartite, que incluía a Prefeitura de Imperatriz, que cedeu o terreno para a construção das dependências. As atividades da UFMA, apesar de não possuírem relação, começaram na fase final do programa federal, que atuou por cerca de 12 anos.

Gerado pelo então Ministério do Interior, o Projeto Rondon era tocado em conjunto com o Ministério da Educação. A iniciativa era uma das principais bandeiras do regime militar (1964-1985), que se norteava pelo lema “Integrar para não entregar”, embasado pela diretriz de estruturar regiões mais remotas, com difícil acesso, e baixos indicadores financeiros e sociais. Mesmo com poucas dezenas de universidades federais, a UFMA de São Luís não compunha o leque de instituições operadoras do projeto, que deslocava professores, alunos e técnicos-administrativos para cidades do extremo norte e nordeste brasileiro.

A UFPR contava com o apoio da estrutura institucional do Ministério do Interior, atual Defesa, com transporte e apoio fornecidos pela Aeronáutica e Exército Brasileiro, respectivamente, para contribuir com a interiorização. Tanto que a instalação provisória foi nas dependências do quartel do 50º Batalhão de Infantaria da Selva (50 BIS) ou em territórios da União. Mas Imperatriz não era tão isolada quanto se pensava. A cidade já contava com uma pista de pouso pronta para aeronaves de pequeno e médio porte.

O terreno deste aeroporto pioneiro foi cedido mais tarde à universidade para abrigar uma infraestrutura adequada e receber a população, hospedar alunos, técnicos e professores numa extensão que iniciava onde hoje é o Complexo Esportivo Barjonas Lobão, na avenida Bernardo Sayão, e terminava no Hospital Regional Materno-Infantil, na rua Benjamin Constant.

As atividades da UFPR em Imperatriz nos anos 1970 eram direcionadas para as necessidades dos habitantes, majoritariamente vulneráveis, com baixo acesso aos serviços do Estado e educação precária. Cursos de higiene pessoal, fitoterapia, produção de texto e redação jornalística eram acompanhados por campanhas de vacinação infantil e animal, serviços odontológicos e médicos. Com a chegada da UFMA, em 1978, ficou evidente que o intercâmbio de alunos e professores entre as três cidades (Imperatriz, Curitiba e São Luís) já era uma prática curricular entre as duas instituições de ensino.

Mais tarde, em junho daquele mesmo ano, técnicos da Pró-Reitoria de Ensino levantaram um diagnóstico acerca das condições estruturais, pedagógicas, sociais e econômicas para a instalação dos bacharelados em Direito e Pedagogia. Com atividades iniciadas em 1980, o campus, de fato, foi implantado em 6 de outubro de 1981, com a resolução 08/81, que também criava as unidades em Bacabal, Balsas, Chapadinha e Pinheiro. O histórico institucional aponta que o processo de instalação dessas filiais ocorreu de forma distinta, mesmo com Pinheiro, que possui a mesma idade que Imperatriz.

Os personagens da época, alunos e servidores, destacam que a instalação da unidade imperatrizense aconteceu de maneira bastante desafiadora. Não contavam sequer com um prédio próprio, já que o encerramento das atividades do Projeto Rondon não resultou na cedência imediata de sua estrutura para a parceira maranhense. O tempo também mostra que o espaço foi sendo dividido com outras autarquias públicas. Ainda assim, em seus mais de 40 anos, o Centro de Ciências de Imperatriz acumulou conquistas e registrou marcos inéditos até mesmo dentro da própria UFMA.

As quatro décadas distribuídas para os nove cursos de graduação, cinco mestrados e um doutorado indicam problemas similares em vários momentos. Mas uma das convergências na trajetória do campus é a união entre professores e alunos. Movidos por uma força de vontade única, que hoje resulta no campus mais importante da UFMA no interior do estado, alcançaram marcos inéditos e precederam a autonomia administrativa, reivindicada desde a terceira década dessa história.

### 3. METODOLOGIA

A construção do texto narrativo envolve uma elaboração única, mas baseada em um método plural. A união das informações apuradas, similar a uma colcha de retalhos, é uma frente que une vários procedimentos jornalísticos úteis para desenvolver uma história tão rica e complexa como a da expansão de uma universidade. Um dos procedimentos cruciais nesse processo é a entrevista jornalística, oral, pessoal e exclusiva.

Considerando a especificidade das perspectivas de personagens como professores, ex-diretores, ex-estudantes, ex-técnicos e a possibilidade de aquisição de uma quantidade significativa de informações, as entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro básico. Ele permitiu uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. Sempre guiado pelos princípios da entrevista jornalística, me inspirei também no método da entrevista qualitativa em profundidade. Segundo Duarte (2005), é baseado em um roteiro de questões-chave que serve, então, como base para a descrição e análise em categorias, como se verá adiante.

As práticas de entrevista e diálogo com os personagens coaduna com o pensamento de Duarte, que aponta a preparação do roteiro-guia em associação com os tópicos interessantes a cada questão que o repórter quer adquirir para sua história. É possível, segundo o autor, analisar durante a entrevista, se a fonte desviou dos rumos que o jornalista queria alcançar, e assim, desenvolver novos questionamentos para ampliar os resultados alcançados, porém mantendo a mesma estrutura.

Alternativa útil é fazer, durante a preparação do roteiro-guia, uma relação com tópicos relevantes relacionados a cada questão. Depois - e apenas depois - de explorar cada pergunta original ao máximo junto ao entrevistado, o pesquisador confere a relação para saber se todos os tópicos possíveis foram abordados. Tal estratégia mantém a naturalidade e as vantagens da entrevista semi-estruturada e evita que alguma questão relevante não seja abordada. Pode ser particularmente útil para que diferentes pesquisadores retornem com a mesma estrutura de respostas. (Duarte, 2005, p. 67)

Ainda que durante todo o percurso da pesquisa e apuração, o objetivo venha a ser de construir um texto único, os depoimentos das múltiplas fontes têm o intuito de “[...] interligar pedaços de fatos expostos de maneira fragmentada” (Duarte, 2005, p. 68). Mesmo diante de um texto narrativo extenso, o assunto interessa ao leitor, ele vai atrás, lê, quer saber e mergulhar em uma massa de informações gigantesca, “[...] movido pela vontade de conhecer mais sobre determinado assunto ou, simplesmente pelo prazer de ter acesso a uma boa

história” (Belo, 2013, p. 41)

Por isso, Belo (2013) afirma que a lista de questões-chave pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. É possível dividir uma questão em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo. Desta forma, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, um pouco diferente. É importante frisar que a entrevista reservada com a fonte, sem a urgência dos *deadlines* e as típicas correrias das redações, mas com um ensejo profissional, jornalístico, se assemelha, sobretudo, a uma conversa.

Diálogos que precisam, entretanto, ser reorganizados a todo o tempo, a depender do personagem, visto que cada um possui a sua forma de conversar, sentimentos relacionados às pessoas e aos fatos. Há quem fale mais, ou menos, ou ainda aqueles que respondem duas ou três perguntas de uma vez só. A organização do fluxo de memórias aconteceu de forma cronológica e contextual, com eixos que foram selecionados como relevantes: um perfil pessoal; a chegada do personagem à UFMA; quem geria o campus ou o curso na época; como era a infraestrutura da unidade; como lhe pareceu a cidade; o corpo docente e as melhores e piores memórias sobre a universidade naquele determinado período histórico.

Mesmo sendo gravada, a exclusividade do diálogo informal, promovido entre o repórter e o personagem foi fundamental para apurar as memórias emblemáticas de cada personagem e entender os contextos que a fonte se inseria, além de propiciar uma correlação entre as vivências na hora de elaborar os textos de cada capítulo. Esse método jornalístico, da humanização, é defendido por Medina (2003, p. 52), para quem, “[...] a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução, quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano”. Ijuim (2012, p. 133-134) recomenda que o repórter deve, ao se comunicar com as suas fontes, se esvaziar dos preconceitos, julgamentos e estereótipos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir, sempre respeitando as diferenças.

Ao narrar uma história com tantos detalhes, é preciso estar atento, segundo Ijuim (2017, p. 242), à complexidade dos fenômenos. O princípio da humanização precisa ser, portanto, o ponto de partida e de chegada da narrativa jornalística, a partir da compreensão dos sentimentos e memórias do entrevistado. No caso dos personagens do livro-reportagem *Pelo interior*, foquei em personalidades que hoje marcam a trajetória da instituição, seja porque fizeram muito pela comunidade, ou protagonizaram desencontros, mas no final incorporaram a sua vivência ao espírito de união, que é muito forte nessa história. Moraes e Gouveia (2018, p. 103) elencam as atribuições e responsabilidade do repórter que assume uma pauta e, além de meramente informar, atenta-se à representação humana de sentimentos e



emoções. Para as autoras, essas são atitudes essenciais para a compreensão de um fato ou fenômeno.

Outro método adotado no desenvolvimento da pesquisa, considerando o encontro de patrimônios documentais e fotográficos foi a análise desses materiais, compreendendo a identificação, verificação e apreciação para determinada finalidade (Moreira, 2005, p. 271). A seleção qualitativa foi decisiva para a elaboração dos dados que seriam incluídos no texto final do livro-reportagem, pois procurei, como sugere Moreira (2005, p. 276), muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, me atentar à contextualização de fatos, situações e momentos.

A análise crítica do material encontrado constitui importante fio condutor para a memória de eventos, pessoas e contextos, como aponta Moreira (2005, p. 274). Portanto, esse método foi crucial para entrelaçar as memórias, sejam pessoais ou documentais, mantendo uma organização cronológica e num marco transversal, a ser destacado entre capítulos, respeitando a substância original dos documentos e das fotografias. Inclusive procurei utilizar a configuração original dos achados históricos a favor da construção textual, conferindo mais propriedade às informações encontradas e buscando compor um mosaico de informações mais denso sobre cada década da história da UFMA.

#### 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O livro-reportagem representa um suporte para contar uma história com uma profundidade exclusiva de uma reportagem. Discorrer sobre a trajetória de uma instituição com uma idade tão expressiva coincide com a ideia de Belo (2013), de um jornalismo mais profundo e desafiador, que é bem mais raro em outros veículos de mídia, por força das questões técnicas e das circunstâncias que diferenciam a produção em uma redação e de um livro-reportagem.

Lima (2009) aponta que o livro reportagem cumpre um papel relevante, preenchendo vazios deixados pelos jornais, revistas, emissoras de rádio, noticiários da televisão e até mesmo pela internet. Desta forma, o formato convencional de uma obra avança para o aprofundamento do conhecimento e contribui para “[...] eliminar, ainda que parcialmente, o aspecto efêmero da mensagem, induzida pelos canais de comunicação jornalísticas” (Lima, 2009, p. 4).

Por sua vez, Belo (2013, p. 42) defende a emoção como ferramenta essencial para prender o leitor à narrativa. Porém, a objetividade ainda continua sendo um critério importante para definir características mais marcantes do livro. O repórter realiza um mergulho profundo nos fatos, personagens e situações, subentendendo que esse tipo de reportagem tem sempre a pretensão inequívoca de esgotar um assunto ou ao menos chegar muito perto disso.

Ao analisar os livros-reportagem mais vendidos no Brasil, Catalão (2010) conclui que os seus autores costumam valorizar os personagens e imprimem a sua marca autoral tanto no processo de apuração quanto na redação dos textos. Embora possam contar com a colaboração de terceiros, os jornalistas-autores controlam todas as características do produto final, que é o resultado de sua escrita e planejamento.

Como se vê, o enunciado típico deste gênero nasce das ideias, indagações, descobertas, interesses e valores de um autor específico, de uma intencionalidade individual, e desde o delinear de seu projeto de discurso – quando estabelece a pauta –, é para a produção de um livro-reportagem que o jornalista orienta sua enunciação – o que implica engajar-se em uma situação particular de comunicação. (Catalão, 2010, p. 128)

Além disso, orquestrar as vozes dos personagens e selecionar os dados dos documentos requer uma consistência textual que apenas o livro-reportagem possibilita, na tentativa de fidelizar o leitor a cada capítulo. Vitor Necchi (2009) reforça o humanismo quando afirma que os autores desses livros podem observar e até mesmo se tornar

participantes da ação. Além do visto, o não-visto é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, que envolve uma apuração vigorosa e entrevistas beneficiadas pelo tempo mais dilatado, atenção e acuidade.

Belo argumenta que quem investe em livro-reportagem no Brasil o faz em nome de um jornalismo mais vibrante e ao mesmo tempo mais inspirado e criativo do que o praticado na mídia do dia a dia das redações. “O faz por amor à reportagem e pela necessidade de contar histórias que atualmente não cabem em outros veículos – por força das limitações técnicas ou das circunstâncias. O desafio está em recheiar o produto com tantos atrativos que o tornem excitante também para o público, não só para o autor”. (Belo, 2013, p. 36)

O livro-reportagem, para Lima (2006, p. 39-40), desempenha a função de informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas. Seguindo esses princípios, busquei, em *Pelo interior*, estabelecer a transversalidade dos assuntos e gerar uma relação com o mundo exterior, ainda em execução, fomentando uma característica de convergência contínua entre o agora, e o passado, destacado no livro, de forma infinita.

A escolha dos personagens e a interligação com as fontes documentais conferem à narrativa a profundidade e a conexão próprias das teorias tecidas pelo pesquisador. Lima defende que essa configuração é típica do livro-reportagem que ambiciona construir uma história ampla, com desdobramentos e interrelações, desfechos essenciais para um universo narrativo, apto para receber o leitor que está prestes a mergulhar em um mar de informações prontas a comovê-lo.

Os relatos que costurei em *Pelo interior* endossam a relevância da UFMA como uma instituição que carrega histórias vez ou outra coincidentes, porém únicas dos pontos de vista externos ao jornalista e ao leitor, mas também internas na perspectiva do universo narrativo. Nesse ritmo, também é muito importante correlacionar a história a fatos que são naturalmente relevantes, já que os próprios personagens e patrimônios fazem isso por si só, coincidindo com a profundidade tanto extensiva, quanto intensiva.

Procurei explorar essas duas dimensões apontadas por Lima (2009, p. 40). No caso da abordagem extensiva, o leitor encontra informações que lhe possibilitam aumentar qualitativamente a sua taxa de conhecimento a respeito da história da UFMA local. Já a experiência intensiva procura propiciar uma análise multiangular de causas e consequências, de efeitos, desdobramentos, repercussões e implicações. A partir da apuração jornalística detalhada, tentei desenvolver um texto entrelaçado entre as fontes pessoais e documentais,

montando um mosaico de falas que dão a ideia de uma escrita corrida, fluida e suave, característica do jornalismo narrativo.

Entendendo o valor das publicações jornalísticas impressas, uma das frentes de pesquisa foi buscar todos os registros disponíveis relacionados ao Campus Imperatriz da UFMA e do Campus Avançado do Projeto Rondon. Reportagens de *O Progresso*, *Correio Popular* e *Jornal Capital* retrataram as dificuldades e as atividades cotidianas da universidade em várias décadas. Foi possível, por meio dessas pesquisas, analisar o impacto que as ações universitárias apresentaram ao valor jornalístico, que também entra em pauta, por serem “[...] repositórios da verdade, com a sua construção social e simbólica” (Marcilio, 2013). Maciel (2018, p. 185), no entanto, reconhece que existe uma lacuna histórica a ser preenchida tanto por historiadores quanto pelos jornalistas, já que no Brasil não é tão comum a cultura de preservação de fontes históricas, o que ele e muitos outros pesquisadores qualificam como um “descaso pela memória”.

Dentre os objetivos traçados no desenvolvimento do livro-reportagem, se destaca a precedência para se gerar novos produtos de jornalismo narrativo sobre a história do campus de Imperatriz, ainda mais por ser um livro inédito até mesmo na história da UFMA como instituição nacional. Busquei, com a obra *Pelo interior*, estimular essas memórias, mas também homenagear as pessoas que ajudaram a construir o campus e iniciaram a luta que continua nos dias de hoje, não apenas por uma universidade melhor, mas também pela autonomia administrativa e o protagonismo regional.

## 5. ESTRUTURA DO PRODUTO

A construção do texto do livro-reportagem *Pelo interior* é disposta de forma cronológica, tecendo as informações encontradas nas pesquisas levantadas durante a duração do projeto e contextualizando, ao fundo, as condições sociais, políticas e econômicas de Imperatriz. O intuito foi o de ratificar a instalação e o crescimento da universidade que, de maneira gradativa, começava a corresponder às vocações econômicas da cidade, e evidenciar a importância do município, que já era a sede do sudoeste maranhense.

Assim, a cronologia abarca dois trechos temporais que ampliam a propriedade de conhecimento do leitor, possuem correlação com a universidade, mas não integram, de fato, a idade de instalação dessa instituição federal em Imperatriz. Um deles é o próprio início da narrativa, que descreve os anos finais do Projeto Rondon, nos quais a UFPR operava o programa junto com a UFMA de São Luís. O outro trecho temporal é o epílogo, que desperta a reflexão acerca dos próximos anos da luta que inicia na terceira década dessa história: a desanexação do campus local e a criação de uma nova Instituição de Ensino Superior (IES).

Esses dois itens, apesar de serem complementos, são inseridos de forma integrada na linha do tempo e nos capítulos, lembrados quando os personagens apontam a ligação entre os fatos e os assuntos-tema dos trechos. Dentro da narrativa, esses pontos são dispostos para não desviarem o foco da história: a UFMA, como ela se constituiu antes e se apresenta agora.

Os personagens, elementos centrais dos capítulos, são o resultado de escolhas estratégicas, ainda que escassas, de fontes cruciais. Não apenas representam os cursos que os acolheram, seja como professores ou discentes, mas destacam os diferentes pontos de vista, narrando as experiências que viveram nessa trajetória. A opção por focar nas memórias de entrevistados permitiu dimensionar a história de forma a dar mais espaço às pessoas e correlacionar as suas ações e reflexões com os fatos que aconteciam no campus. Também foi possível, pelo fio das lembranças, tecer o mosaico de opiniões dos pioneiros e dos mais novos professores, técnicos e estudantes da universidade.

O valor dessa estratégia é tão importante, que no roteiro de perguntas procurei incluir duas perguntas, reservadas para o final da conversa, mas indispensáveis para todos os personagens: Quais são as suas melhores memórias da UFMA? E quais são as piores? As respostas, organizadas nos finais dos capítulos, cumpriram o objetivo de instalar um desfecho para a leitura e para os personagens que foram importantes para cada década de história da universidade. A seguir, apresento um sumário comentado de como o livro-reportagem está disposto para os seus leitores:

### **Capítulo 1 (1971 - 1981)**

O primeiro capítulo inicia a narrativa ambientando Imperatriz, que já recebia atividades universitárias federais, por intermédio da UFPR, com o Projeto Rondon, com os trabalhos para melhorar os seus índices educacionais e sanitários. Apresenta ao leitor um município que já transpirava força econômica, condição que contribuiu para a instalação da UFMA, num processo difícil, nos primeiros anos da década de 1980. Neste capítulo, o primeiro coordenador do Campus Imperatriz, o professor José Geraldo, lembra as dificuldades de instalação e soma as suas memórias com as da egressa da primeira turma de Direito, Sirlene Menezes.

### **Capítulo 2 (1982 - 1992)**

Os próximos dez anos desse capítulo destacam as dificuldades de consolidação da unidade, que já recebia o nome de Centro de Ciências Sociais, mas ainda era uma extensão dos cursos instalados em São Luís. O primeiro professor efetivo, José Batista, do curso de Pedagogia, confirma algumas informações recortadas pelos personagens do capítulo anterior e detalha as dificuldades enfrentadas com o novo prédio, herdado do Projeto Rondon. O contador e professor Hélio Araújo, por sua vez, explica como surgiu o terceiro curso, de Ciências Contábeis, assim como comenta a primeira expansão do Campus de Imperatriz. A linha do tempo dá espaço para algo pouco conhecido na história das instituições públicas de ensino: a tentativa de fusão entre a Universidade Estadual do Maranhão e a UFMA, iniciando a luta pela descentralização do órgão federal.

### **Capítulo 3 (1993 - 2003)**

Mesmo sem expansão, o Campus II ainda enfrentava dificuldades que desafiavam constantemente sua sobrevivência. Toda a vibração da comunidade, já instalada no prédio da rua Urbano Santos, em frente à Câmara Municipal, ficava mais agitada com o processo de consulta à reitoria e vice-reitoria, induzindo, finalmente à autonomia administrativa, com a eleição da primeira diretora-geral, Simone Omizolo. Ela tece sua jornada com o auxílio das lembranças da secretária-executiva, Suzana Freitas, essencial para a consolidação da UFMA na cidade. Aqui, a luta pela criação de uma nova universidade federal, sediada em Imperatriz, ganha mais força e novas proporções.

### **Capítulo 4 (2004 - 2015)**

Nesse intervalo, Imperatriz recebe o maior pacote de intervenções. Com 30 anos de UFMA, o quarto capítulo registra a primeira fase da grande expansão que configura a atual disposição, do que, nesta década, ganha a autonomia e é renomeado para Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologias (CCSST). Os professores e professoras Jacinta Oliveira, da Enfermagem, Franciana Pedrochi, Engenharia de Alimentos e Carlos Claudino, do Jornalismo tecem as suas memórias no grande retalho que é a história da UFMA, que já se preparava para receber outros três cursos. Já o professor Marcos Fábio Belo Matos, que foi diretor de Centro e vice-reitor da UFMA, vem ampliar o alcance do texto para outros marcos inéditos sediados pelo CCSST: o aumento da representatividade do campus de Imperatriz.

### **Capítulo 5: (2016 – agora)**

A segunda fase do programa de estruturação e expansão das universidades federais é concretizada, ainda que com percalços. Os cursos de Ciências Humanas - Sociologia e Ciências Naturais - Biologia, são representados pelos depoimentos da professores Vanda Pantoja e do docente Leonardo Hunaldo, atual diretor de Centro. Também relato o início das atividades da primeira pós-graduação do campus, em Engenharia de Materiais. O pioneirismo continua com a Unidade Bom Jesus, não apenas no contexto da UFMA local, mas em todo o país. A desanexação do agora Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), chegou ainda mais perto da sua concretização, diferente das tentativas anteriores, mas tratou-se de um esforço sem resultados, infelizmente.

#### **5.1 Público-alvo e custos**

Considerando as razões e as condições históricas e sociais, não apenas da universidade, esse produto foi desenvolvido para a comunidade acadêmica da UFMA, em geral, dos nove *campi* instalados por todo o estado. Também é importante levar em conta que o contexto histórico contemplou outras três cidades para receber a instituição, mas apenas Imperatriz conseguiu avançar como hoje se dispõe.

Porém, se destaca o valor especial para a unidade do interior: os alunos, professores, servidores e terceirizados da universidade em Imperatriz agora são dotados de um produto que não conta apenas a história da instituição, mas proporciona detalhes interessantes sobre o desenvolvimento de uma cidade que contrasta bastante com seu passado isolado.

Não houve custos significativos envolvidos no desenvolvimento do livro-reportagem. Todos os processos descritos neste relatório foram desenvolvidos por mim, com o suporte de meu orientador Alexandre Maciel, do professor Marcos Fábio, de outros nomes do corpo

docente e de técnicos-administrativos do curso de Comunicação Social, além do auxílio inestimável e indispensável do Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa, liderado pela professora Yara Medeiros.

Por se tratar da continuação de um projeto de iniciação científica, reitero os créditos à equipe que iniciou a busca documental, fundamental para a construção básica do plano de pesquisa: Rosana Barros, Hugo Oliveira e Rafael Pestana. Ainda assim, todo o desenvolvimento deste projeto experimental (entrevistas, escritas, diagramação, fotografias) para o cumprimento do componente curricular, foi realizado exclusivamente por mim, com o auxílio de meu orientador.

## **5.2. Projeto gráfico**

A proposta do projeto gráfico desenvolvida no produto experimental se propõe a criar uma identidade visual própria da cronologia da arquitetura do Campus de Imperatriz. Busco reconstituir a atmosfera dos prédios construídos em diferentes épocas e as linhas características, muito exclusivas e detalhistas, acerca do tempo que foram erguidas, reconhecendo, ainda, o passado herdado do antigo Projeto Rondon. A Unidade do Bom Jesus também é um patrimônio interessante, considerado na construção gráfica do livro, utilizando dos traços geométricos para compor e organizar as informações visuais.

Todos esses elementos compõem um projeto gráfico que propõe uma experiência de caminhar nos corredores das duas unidades, apalpar e apreciar os detalhes físicos de prédios que acumulam histórias, dispostas em uma narrativa profunda, única e detalhada. A intenção é fomentar um sentimento de pertencimento para o público-alvo. Ainda nessa linha de pensamento, a perspectiva das cores foi escolhida para dar mais propriedade como um produto relacionado à universidade, que dispõe de uma paleta de cores bem construída, ainda que muito básica: azul-celeste, vermelho-vinho, amarelo-abacaxi e caqui

Como essa paleta oficial de cores da UFMA não apresenta variações de gradiente, optei por estender a pesquisa cromática do livro-reportagem também aos símbolos oficiais da cidade, em específico a sua bandeira. O azul royal, o verde militar e o amarelo cajá compõem uma cromia mais sóbria e sólida, assim correspondendo a uma profundidade adequada a esta obra, além de propiciar mais versatilidade a outros produtos que possam surgir.

Não seguir fielmente as diretrizes institucionais de marca da UFMA foi uma escolha acompanhada pela justificativa de se desviar de um produto oficial da universidade. A identidade visual da UFMA local é limitada, com uma tipografia pouco ou nada versátil,



elementos visuais e uma logomarca com dispositivos periféricos de difícil aplicação, como o slogan de gestão “Sempre mais”.

A tipografia escolhida é derivada dos elementos visuais oficiais da Universidade de Brasília (UnB). Como fonte principal foram escolhidas as famílias “UnB Office” e UnB Pro”, correspondendo à ideia de uma seleção mais fluida, com pouca serifa, mas ainda assim construindo uma sobriedade interessante para uma universidade, como já é de uso da instituição. A fonte vem ocupando espaços de pouca informação, compondo uma estética mais amarrada, moderna e volátil.

Para os textos corridos, dentro dos capítulos, foi escolhida a fonte “Liberation Serif” para integrar o miolo do texto. O estilo da fonte, leve e formal, foi determinante para organizar os elementos de cabeçalho, rodapé e o texto manuscrito, além de apresentar um bom conforto visual nos testes de impressão em um equipamento a laser, ainda mais considerando o volume de texto e a experiência de ler uma gama de informações que requerem caracteres especiais. Nisso, a fonte foi muito versátil para a escolha.

A disposição das fotografias também foi organizada por orientação técnica dos professores, que apontaram um incremento nos custos de impressão e reprodução se elas fossem dispostas ao longo de todas as páginas. Organizadas em cadernos, cria-se o precedente para o leitor trabalhar a imaginação e a impressão visual da descrição textual construída pelos personagens e pelo repórter. Ainda por se tratar de um objeto experimental, o mercado editorial foi considerado na organização visual do produto, almejando uma experiência técnica mais real, além de tornar prático os futuros ajustes nas publicações que podem acontecer.

## 6. BASTIDORES DA PRODUÇÃO

Acho interessante colocar como ideia inicial para o desenvolvimento desse livro-reportagem é que, mais uma vez, a UFMA de Imperatriz é pioneira e sobressai São Luís, agora com um produto que conta a sua própria história com tamanha qualidade e densidade técnica e científica. Esse é um dos principais motivos que me deu força de vontade para superar todas as adversidades e frustrações na construção desse legado que ainda acredito como necessário para todo universitário, principalmente de uma instituição pública.

Sempre acreditei nessa ideia desde meu ingresso na UFMA: produzir algo que fizesse a diferença. Mas todo o caminho para a construção desse produto apresentou desafios de diferentes dimensões, provocando a reflexão sobre as conjunturas de valorização e de preservação da memória regional e como Imperatriz é observada no contexto estadual, considerando a escassez de informações em fontes externas à região Tocantina do Maranhão. De forma surpreendente, essa problemática se estendeu a instituições maiores e mais complexas que a UFMA, como a Universidade Federal do Paraná.

A UFPR guarda um acervo significativo sobre suas atividades enquanto o Projeto Rondon estava sob vigência em Imperatriz, mas apenas uma ínfima parcela estava ao meu alcance em suportes digitais e na boa vontade dos servidores que se dispuseram a colaborar nesse processo. As pesquisas científicas e institucionais pouco detalham as condições da cidade e o andamento dos trabalhos de alunos e professores em Imperatriz, o que ainda deixa lacunas sobre esse período essencial de formação do futuro campus local da UFMA.

Boa parte do acervo se alocava nos arquivos da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e do Sistema Integrado de Bibliotecas, que não respondiam às solicitações registradas. A Superintendência de Comunicação foi a única divisão que compartilhou o pequeno acervo de fotografias de sua posse. Os poucos relatórios anuais disponíveis nos acessos rápidos das bibliotecas da UFPR, descreviam apenas números das equipes instaladas no prédio que hoje é a Unidade Centro.

Por outro lado, a UFMA, seja por e-mail ou pedido de acesso à informação, sempre se demonstrou bem solícita com as requisições levantadas. Mesmo com a escassez de informações acerca do Campus II, a permissão de acesso a documentos restritos foi garantida sem qualquer empecilho. Como imperatrizense nato, me surpreende um órgão sediado em São Luís não ter se contraposto a meus pedidos, o que aconteceu com a instituição curitibana. Nesse ponto, não era viável considerar uma consulta local por um deslocamento.

Como disposto na introdução, esse projeto é a continuação das minhas atividades de Iniciação Científica, que se debruçaram na busca e análise dos jornais impressos, alocados nos acervos públicos da cidade. Essas primeiras atividades construíram uma primeira impressão de um trabalho complexo e difícil, mas não impossível. A rota de pesquisa envolveu, de início, a Biblioteca Pública Professor Oswaldo Ferreira de Carvalho e a Academia Imperatrizense de Letras. Com o andamento das atividades, a aquisição de resultados e a articulação da equipe, que contava com outro colega discente, um egresso e uma técnica-administrativa, já se planejava o desenvolvimento de produtos experimentais com essa mesma temática.

Coordenado pelo professor Dr. Marcos Fábio Belo Matos, o projeto de iniciação científica contava com o discente Hugo Oliveira, a técnica de áudio, Rosana Barros e o egresso Rafael Pestana. O videodocumentário “Do sonho à realidade: os primórdios da UFMA em Imperatriz”, produzido por Hugo, costurou as narrativas dos personagens entrevistados e registrados na primeira fase de desenvolvimento da pesquisa.

Diante da conquista de resultados significativos como esse, já se desenhavam desafios que se projetavam na produção de um livro-reportagem. A conservação dos acervos de ambas as instituições se mostrou um obstáculo menor diante das problemáticas enfrentadas mais tarde. A crise sanitária do novo coronavírus, além de suspender as buscas, essencialmente presenciais, também impedia os encontros pessoais entre os personagens da história, compostos em sua maioria, por pessoas do grupo de risco. Eles e elas também manifestaram uma dificuldade acentuada de lidar com as ferramentas digitais, impondo a necessidade de adiar a continuidade das entrevistas pessoais.

Por consequência do distanciamento social, o acervo do Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp), além do Arquivo Nacional, ajudaram a ampliar o alcance de informações aos sombrios documentos da ditadura militar. Essas fontes possibilitaram a precisão de informações que tecem uma narrativa inédita até mesmo para os decanos do Campus Imperatriz.

O leque de personagens entrevistados, em muitos momentos, se mostrou bastante restrito, pela idade das pessoas que continuam presentes e próximas. Os nomes escolhidos para recompor a origem dessa história continuaram envolvidos no Campus II, ainda que em perspectivas diferentes. É o caso de José Geraldo, diretor que se tornou docente de Pedagogia, Sirlene Lopes, ex-estudante que foi trabalhar como procuradora e, mais tarde, docente do curso de Direito. Simone Omizollo, que foi aprovada para lecionar na Pedagogia,

posteriormente eleita para gerir o Centro, voltando à docência, e ingressando no mestrado em educação do Campus de Imperatriz. Enfim, tudo está entrelaçado.

As diretrizes de humanização, propostas pelo pesquisador Jorge Ijuim serviram como bússolas nas entrevistas promovidas durante a trajetória. Ajudaram a retirar as lentes de pré-conceitos e me permitiram adquirir informações que, para mim, seriam impossíveis de obter se não me investisse de funções e prerrogativas de um repórter que adotou uma grande responsabilidade. Mas o princípio da humanização também me possibilitou agir, de certa forma, com neutralidade e complacência, em momentos de grande emoção. Por exemplo, quando tive de consolar a professora Sirlene, que chorou copiosamente ao lembrar que seu diploma de Direito havia sido considerado inválido. Ou quando a professora Franciana Pedrochi, da Engenharia de Alimentos, comemorou a contemplação do curso nos editais da Finep e da Capes.

Cada um desses momentos apresentou aspectos similares: os desafios, as superações e a desconsideração que São Luís aparentava manifestar com relação a Imperatriz. Mesmo envolvendo relatos pessoais e exemplos diferentes entre si, as trajetórias são finalizadas com palavras semelhantes de força, resiliência e união. Os sentimentos acabam sendo os mesmos, resultando em um dos pontos de convergência no texto, além permitir dividi-lo em eixos, costurando as memórias de cada nome e obedecendo a cronologia dos fatos, como a criação dos cursos e ampliação das estruturas.

## 7. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Tarefa/Mês	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
Conclusão e entrega do pré-projeto de produto		X			
Pesquisa local e entrevista de fontes	X				
Conclusão dos primeiros dois capítulos		X			
Revisão e diagramação dos primeiros esboços			X		
Conclusão dos dois últimos capítulos			X		
Revisão e diagramação dos dois últimos esboços				X	
Revisão Final				X	
Defesa do Produto					X

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não acaba aqui. O campus de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão continua sua trajetória de expansão, vibrante, resiliente, resistente e mais forte. Mas os próximos anos serão muito decisivos para fortalecer a reivindicação de uma nova universidade, com sede no sudoeste maranhense. A vocação será a de seguir os mesmos passos da instituição-irmã, já descentralizada, a Uemasul. Em menos de dez anos, ela já conta com resultados que, acredito, nunca surgiriam sem a sua desanexação da UEMA. Trata-se de impactos significativos, não apenas para a cidade-sede, mas para as demais, que recebem os campi, pois agora temos um exemplo pulsante de que Imperatriz precisa de uma nova instituição de ensino superior.

Acredito que correspondo às necessidades, ensejos e expectativas de uma unidade que foi construída na garra, unida, respeitosa e esforçada, além de homenagear os nomes que atuaram na linha de frente da nossa unidade, ainda em vida. Nesse contratempo, peço espaço

para pedir perdão ao professor José Batista, que acabou indo para o outro plano enquanto eu elaborava o livro-reportagem. Ele é um dos nomes que eu esperava convidar à homenagem em vida. Porém, fico feliz de conseguir resgatar as memórias de uma pessoa que viveu na pele as extremas dificuldades do Campus Imperatriz.

Cumpri a contento o que me propus: registrar a história do Centro de Ciências de Imperatriz, como universitário de uma instituição pública. Creio que consegui promover impacto social com a ciência; conservar a memória de pessoas e documentos; construir uma narrativa densa e ampla e ser, mais uma vez, inédito na história geral da UFMA. Compreendo que não pude abarcar todos os aspectos de uma longa história, mas o essencial está disposto nesse produto, agora pronto para ser aprimorado a partir das contribuições da banca avaliadora. Escrever esse livro me deu a dimensão de ser um jornalista melhor, convergente, habilidoso e cuidadoso com o que produzo.

O livro-reportagem *Pelo interior* pretende ser o estímulo à criação de novos produtos, especialmente para as redes sociais. O campus de Imperatriz pode comemorar a sua história e bradar por melhorias e expansões que fazem jus à sua relevância. Não apenas internamente, na UFMA, mas também para toda a região do sudoeste maranhense, bem como contribuir para um sentimento pátrio com relação às instituições que hoje destacam Imperatriz no cenário econômico, social e geográfico.

Os pesquisadores aqui destacados, como Lima, Catalão, Maciel e Belo, reforçam a importância do livro-reportagem para tecer uma história profunda, transversal, humana, com métodos simples. Porém, de um valor estratégico para a composição de um produto que abarca um arco temporal amplo, complexo e escasso de referências históricas. A metalinguística jornalística se concretiza com uma obra que se constitui em memória e referência para pesquisadores de jornalismo e outras áreas do conhecimento.

Agradeço a todos os personagens que contribuíram de qualquer forma nesse trabalho, além daqueles que me auxiliaram a encontrar fontes documentais. Pretendo honrar o nome de cada entrevistado com uma publicação editorial que faça jus à nossa universidade. A UFMA de Imperatriz, apesar dos desafios e frustrações, continua sendo um ambiente de boas histórias e amizades.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Thays. **História da imprensa em Imperatriz-MA | 1930 – 2010**. Imperatriz, MA: EDUFMA, 2018. 166 p. ISBN 978-85-7862-718-8.

BARBOSA, Marialva. Senhores da Memória. **Intercom — Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 2, n., p.84 – 101, dez. 1995. Semestral. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1259/1212>. Acesso em: 21 ago. 2019.

BRASILEIRAS, Conselho de Reitores das Universidades; RONDON, Fundação Projeto. **Uma visão do Campus Avançado**. Brasília - Df: Mec, 1980. 79 p.

CATALÃO JÚNIOR, Antônio Heriberto. **Jornalismo Best-seller: o livro-reportagem no brasil contemporâneo**. 2010. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103497>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CRUZ, Marileia dos Santos (org.). **História da Educação de Imperatriz: textos e documentos**. Imperatriz - MA: Ética, 2012. 114 p.

COSTA, Aldeman. **Imperatriz: fatos históricos**. 2. ed. Imperatriz: Câmara Municipal de Imperatriz, 2006. 55 p : il.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

FERREIRA, Maria da Conceição. **Campus Avançado: alternativa para integração e desenvolvimento?** São Luís: EDUFMA, 1984. 100 p. v. 2.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. 544 p.

IJUIM, Jorge. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, v.7, nº2, maio/ago.2012

IJUIM, Jorge K. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. Revista Verso e Reverso, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017.

IMPERATRIZ. Universidade Federal do Maranhão. Ministério da Educação. **Curso de Medicina: apresentação institucional**. Apresentação Institucional. 2019. Disponível em: [https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=12125248&lc=pt\\_BR](https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=12125248&lc=pt_BR). Acesso em: 23 jul. 2022.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, Sp: Manole, 2009. 470 p.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no brasil**. 2018. 309 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Comunicação, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29836>. Acesso em: 06 maio 2024.

MARCÍLIO, Daniel. **Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício**

historiográfico e atividade jornalística. **Revista Aedos** no 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013.

MEDRADO, Elizon de Sousa. **O ensino jurídico na Universidade Federal do Maranhão - Campus II (Imperatriz)**: resgate da sua história e importância para a região tocantina. 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - Ma, 2007. Disponível em: <http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/135>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: jornalismo e cotidiano. Summus, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (São Luís). Universidade Federal do Maranhão. 2017.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. **Para além do robô, a reportagem**: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In: MAIA, Marta e MARTINEZ, Mônica (orgs.) *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005

NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 99-109, 3 jul. 2009. Semestral. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p99>.

**CORREIO POPULAR**, Imperatriz, Ano III, número 0000, julho de 2013.

**O ESTADO DO MARANHÃO**, São Luís, Ano XX, número 2519, outubro de 1979.

**O ESTADO DO MARANHÃO**, São Luís, Ano XXI, número 2817, fevereiro de 1980.

**O PROGRESSO**, Imperatriz, Ano XII, Número 1638, junho de 1981.

**O PROGRESSO**, Imperatriz, Ano XII, Número 1628, junho de 1981.

**O PROGRESSO**, Imperatriz, Ano XII, Número 1633, maio de 1981.

**O PROGRESSO**, Imperatriz, Ano XII, Número 1644, fevereiro de 1981.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 51.

**Plano de Desenvolvimento Institucional 2017 – 2021**, São Luís: EdUFMA, p. 40, 2017. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/puwEW8dc9aoshs4.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

SÃO LUÍS. Universidade Federal do Maranhão. Ministério da Educação. **Institucional: histórico da ufma. Histórico da UFMA**. 2018. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/institucional/historico>. Acesso em: 23 jul. 2022.

VIEIRA, Carina Silva. **Extensão universitária**: concepções presentes na formalização, em propostas e práticas desenvolvidas na universidade federal do paraná (1968 - 1987). 2014. 290 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba - PR, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/35683>. Acesso em: 16 abr. 2024.